

XI SEUR – V Colóquio Internacional sobre Comércio e Consumo Urbano

DA MARGINALIZAÇÃO SOCIAL AO RECONHECIMENTO CULTURAL: UM ESTUDO DA PASSAGEM PEDREIRINHA NO BAIRRO DO GUAMÁ, EM BELÉM DO PARÁ.

Juliana Cordeiro Modesto, UFPEL, modestojuliana22@yahoo.com.br

João Fernando Igansi Nunes, UFPEL, fernandoigansi@gmail.com

RESUMO

Este trabalho concebe a Passagem Pedreirinha, localizada no Bairro do Guamá, na cidade de Belém do Pará, como um espaço de agregação antiviolença por meio da arte popular e, assim, de patrimônio cultural. O artigo tratará deste ambiente multifacetado, que configura o bairro, sendo o mais populoso da capital paraense e também um dos mais violentos. A metodologia procedeu-se através de revisão bibliográfica e entrevistas com lideranças das manifestações culturais (as narrativas foram coletas para o trabalho de conclusão de curso - 2013), tendo a finalidade de conhecer a realidade dos entrevistados e dificuldades vivenciadas no grupo. Constatamos que as ações culturais não demonstram comportamento de acomodação ou conformismo, pois presenciamos a mobilização para o autofinanciamento das atividades culturais que já se tornaram tradição na Pedreirinha. Elas partem de uma consciência cidadã presente nas narrativas que expressam resistência e insubmissão, pois enfrentam a não efetividade das políticas públicas, e assim criam seus próprios instrumentos de proteção por meio da arte configurando-se como elementos possíveis para redimensionar o seu olhar perante as situações adversas vivenciadas na comunidade. Os resultados da monografia expuseram outros questionamentos, sendo agora a Passagem Pedreirinha estudo de caso de minha pesquisa de mestrado, no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPEL, no qual pretendemos responder a seguinte pergunta: a possibilidade de patrimonialização desse meio ambiente cultural seria maneira efetiva de garantir o acesso às políticas públicas de cultura para as manifestações artísticas populares existentes nesse território?

Palavras-chave: Patrimonialização. Cultura popular. Comunidade.

ABSTRACT

This paper conceives the Passage Pedreirinha, located in Guamá neighborhood in the city of Belém do Pará, as an anti-violence aggregation space through folk art and thus of cultural heritage. The article will address this multifaceted environment, which sets the neighborhood, the most populous state capital and also one of the most violent. The methodology was carried out through literature review and interviews with leaders of cultural expressions (the narratives were collected for the completion of course work - 2013), with a view to ascertaining the reality of respondents and difficulties experienced in the group. We note that cultural actions do not show accommodation behavior or conformity, as we witness the mobilization for self-financing of cultural activities that have become tradition in Pedreirinha. They start from a citizen awareness present in the narratives that express resistance and insubordination, for facing the non effectiveness of public policies, and thus create their own hedging instruments through art configured as possible elements to resize your eyes to the situations adverse vivenciadas in the community. The results of the monograph exposed other questions, now being the Passage Pedreirinha case study of my master's research at the Graduate Program in Social Memory and Cultural Heritage - UFPEL in which we intend to answer the question if the possibility of patrimonialization this means cultural environment would be effective way to ensure access to public cultural policies for existing popular art forms in that territory?

Keywords: Patrimony. Popular culture. Community.

1. GUAMÁ E SUAS VÁRIAS VISÕES DA REALIDADE

1.1 A história do bairro

Partindo de dados históricos apresentados por Dias Júnior (2009) percebemos que a gênese do bairro do Guamá está ligada ao processo de formação da cidade de Belém do Pará no que tange os seus primeiros anos de constituição, na fase em que os portugueses programaram seu projeto colonizador e a política de catequização de índios tupinambás que estavam localizados na confluência da Baía do Guajará com o Rio Guamá. Tal ocupação ocorreu ao longo do século XVIII e XIX, através da presença de índios, negros, mestiços e tapuios que foram se fixando às margens do Rio Guamá e matas próximas da cidade, o que hoje formam os bairros da Cidade Velha, Comércio e Campina.

A apropriação das primeiras áreas do Guamá ocorreu a partir de duas direções: uma primeira ocupação desencadeada no início do século XX, a partir do bairro de São Braz, onde se encontravam principalmente imigrantes nordestinos expulsos pela seca que naquela época chegavam a Belém atraídos pela economia da borracha. Para Dias Junior (2009) havia a facilidade de ficar em terrenos próximos ao bairro de São Braz, ponto de entrada e saída da cidade, o que possibilitou a ocupação do espaço por grande número de migrantes, que se embrenharam nas matas próximas, formando caminhos e passagens por onde foram se fixando as famílias. Outro meio foi possibilitado pela rede urbana dendrítica¹, através das margens do Rio Guamá com pessoas provenientes, principalmente das Regiões do Rio Acará, Rio Guamá e do Baixo Tocantins. Tal processo de formação dos bairros às margens do Rio Guamá foi um fenômeno corrente no momento de distribuição espacial da cidade de Belém desde o século XVIII. Sendo o extrativismo da borracha um dos fatores geradores, ocorrido entre 1850 e 1920, um momento de muita riqueza em que houve uma forte e crescente demanda externa pela borracha no mercado internacional.

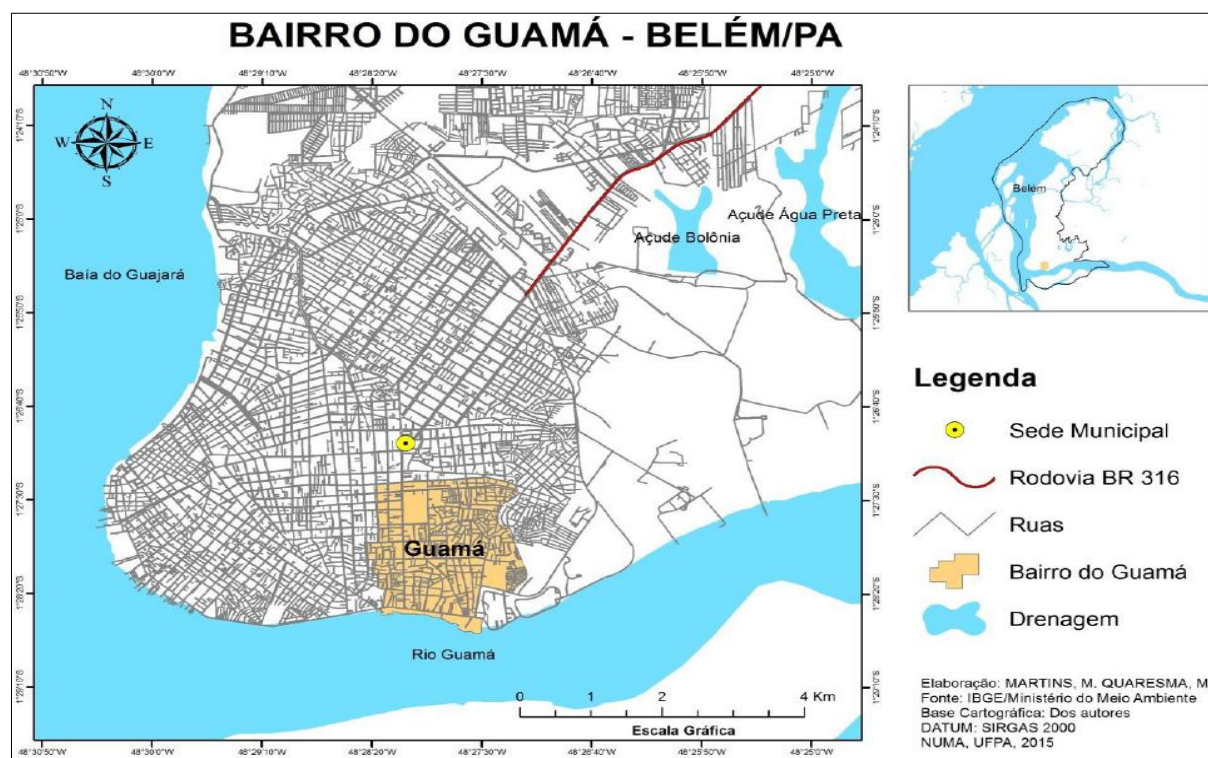
1.2 O retrato do Guamá

Guamá é vocábulo indígena que significa rio que chove. Está localizado na Região Sul da cidade de Belém, faz fronteira com os bairros de Canudos, São Braz, Terra Firme, Condor e Cremação. Exibe uma área urbana de 4.127,78 Km², sendo um dos onze bairros que compõe o Distrito Administrativo do Guamá (DAGUA)².

¹ Corrêa (1987) diz que neste período a rede urbana regional funcionava com uma articulação dendrítica das localizações cujo papel era viabilizar a extração de excedentes que, no plano regional, garantiria o poder econômico de uma elite mercantil localizada em Belém e Manaus e, no plano internacional, viabilizaria, a baixo custo, novos empreendimentos industriais nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha.

² Os distritos administrativos são divisões políticas e administrativas do Município de Belém e foram definidos conforme a Lei 7.682, publicado no Diário Oficial do Município, em 12 de Janeiro de 1994 sendo o DAGUA o 8º Distrito Administrativo de Belém, composto pelos bairros da Terra Firme, Condor, parte do Jurunas, Batista Campos, Cidade Velha, Cremação, Guamá, Canudos, São Braz, Marco, Curió-Utinga. (Anuário Estatístico do Município de Belém - 2006 *apud* DIAS JUNIOR, 2009).

Figura 1: Mapa de Localização do Bairro do Guamá / PA.



É considerado um bairro periférico, apesar de localizar-se próximo ao centro da cidade. Nele encontram-se alguns serviços públicos que subsidiam a Região Metropolitana de Belém, como: a Universidade Federal do Pará; o Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza que realiza diagnósticos e tratamentos de média e alta complexidade; o Hospital Pronto Socorro do Guamá; o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SACI); um Posto de Saúde; uma Delegacia de Polícia; 14 escolas públicas; o Espaço Cultural Mestre Setenta (sede do D'AGUA); 3 creches; um hotel de categoria internacional; o Cemitério Santa Izabel; várias casas comerciais. Também no Guamá há a presença de instituições não governamentais e organizações culturais e comunitárias: o Lar Fabiano de Cristo - LFC, que recebe subsídios da Capemi (Caixa de Pecúlios dos Militares ou Caixa de Pecúlios, Pensões e Montepios – é através do recurso financeiro arrecadado por meio da folha de pagamento dos militares que as ações assistenciais são realizadas às famílias dos bairros Guamá e Terra Firme, no LFC); os centros comunitários; o Espaço Cultural Nossa Biblioteca; e as manifestações culturais e religiosas.

O Guamá possui também uma orla composta por dezenas de portos particulares que servem de entrada e saída de ribeirinhos que vêm de municípios próximos e utilizam esses espaços como entrepostos comerciais, onde são comercializadas mercadorias como madeira, farinha, frutas regionais e uma variedade de produtos (DIAS JUNIOR, 2009).

O lugar de maior movimento do Bairro direciona-se a Rua Barão de Igarapé Miri, ao qual localiza-se uma feira livre que funciona diariamente e que movimenta um grande fluxo de pessoas principalmente pela parte da manhã. Às margens esquerda e direita da rua citada acima, existem dezenas de ruas, passagens, vilas e becos:

Nesses lugares, os moradores se desdobram no dia-a-dia, estabelecendo relações de convivência e vizinhança nos seus burburinhos cotidianos, compartilhando experiências diversas que o caracterizam como bairro popular de grande densidade populacional (DIAS JUNIOR, 2009, p.42).

De acordo com dados do IBGE (2010) é o mais populoso da cidade de Belém por possuir 94.610 habitantes. Como também, é considerado um dos mais violentos da cidade, de acordo com o Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS LA/PSC, registrando um dos maiores números de adolescentes em cumprimento de Medidas Socioeducativas de Liberdade Assistida – LA e de Prestação de Serviço à Comunidade – PSC, 187 casos são do Guamá e também de jovens envolvidos em conflitos e gangues de rua (CREAS / FUNPAPA, 2008).

Situação como as destacadas acima (como também a ineficiência de acesso à saúde; a precariedade do saneamento básico; a evasão escolar; o alto índice de pessoas trabalhando na informalidade; o tráfico de drogas; alto índice de homicídios) são as que mais se destacam na mídia e não a riqueza das manifestações culturais existentes e luta de seus habitantes pela manutenção dos seus bois bumbás, cordões de pássaros, escolas de samba, cantigas de ladainhas, quadrilhas juninas, instituições religiosas, que se constituem em espaços de agregação de cultura antiviolença.

Segundo a Fundação Cultural de Belém (FUNBEL) o bairro do Guamá apresenta registrados 34 grupos de expressão cultural, contando com 8 grupos de boi bumbá, 20 quadrilhas juninas, 2 grupos de pássaros, 2 blocos carnavalescos, 2 escolas de samba, que mobilizam a comunidade não apenas nos meses de festa (fevereiro e junho), mas durante o ano todo [...] Apesar da dimensão espacial do bairro, citada acima, existe nele um lugar que é considerado por muitos moradores como “termômetro cultural”⁵⁶ (DIAS JUNIOR, 2009, p. 45)

Em entrevista, Kleber Oliveira – carnavalesco e griô³, destaca que os moradores, como também, os artistas populares pertencentes ao bairro sentem-se descrentes do Poder Público no que diz respeito à efetivação de políticas públicas que beneficiem toda a população guamaense (MODESTO, 2013). A estudiosa Heliana Evelin (2007, p.16) destaca que o Guamá possui uma população equivalente a médios municípios brasileiros, porém “é um dos bairros mais carentes em equipamentos culturais na cidade de Belém”. Um dos aspectos observados no seu território é o carecimento de

³ O griô é um mestre das artes, da cura e dos ofícios tradicionais, um líder religioso de tradição oral, um brincante, um cantador, um tocador de instrumentos tradicionais, contador de histórias, um poeta popular, que, através de uma pedagogia que valoriza o poder da palavra, da oralidade, da vivência e da corporeidade, se torna a biblioteca e a memória viva de seu povo. Em sua caminhada no mundo ele transmite saberes e fazeres de geração em geração, fortalecendo a ancestralidade e a identidade de sua família ancestral e da comunidade. (AÇÃO GRIÔ NACIONAL, 2011).

espaços de lazer, principalmente as praças, que são lugares privilegiados de socialização e recreação das crianças. “As praças possuem uma grande importância nos centros urbanos ao propiciar lazer, espaços para atividades culturais e esportivas e oportunidades para o sossego e contemplação paisagística.” (ALENCAR; LEÃO; VERÍSSIMO, 2007). A pesquisa Belém Sustentável - 2007, realizada pelos autores citados acima, mostra que entre as capitais do Brasil com maior proporção de praças (em relação ao território e tamanho da população), destaca-se Porto Alegre com 539 praças somando cerca de quatro milhões de metros quadrados. Já a cidade de Belém abriga 207 praças com uma área de um milhão de metros quadrados. Ou seja, a pesquisa de 2007 mostra que um terço dos bairros, há seis anos, não possuíam praças, mas observamos que a realidade não mudou muito. É notório advertir o descaso do Poder Público referente à preservação das praças existentes na cidade de Belém, no que diz respeito ao lixo e a degradação dos equipamentos e edificações. No Guamá existem três praças: a Praça Frei Daniel; a Praça Benedito Monteiro e a Praça Alacid Nunes, porém o que observamos é que o bairro possui 4.127,78 Km² e quase 100.000 habitantes e essas praças possuem espaço micro, desproporcional para o equivalente de pessoas que residem no bairro. Abaixo destaco a imagem da Praça Aladis Nunes, que diminuiu mais ainda seu espaço depois da Prefeitura ter inserido uma academia ao ar livre, o que reduziu o ambiente que as crianças tinham para correr, andar de bicicleta, etc.

Figura 2: Fotografia da Praça Alacid Nunes – Localizada no Bairro do Guamá.



Fonte: Modesto, 2013.

Segundo a Fundação Cultural de Belém (FUNBEL) o bairro do Guamá apresenta registrados 34 grupos de expressão cultural⁴, contando com 8 grupos de boi bumbá, 20 quadrilhas juninas, 2 grupos de pássaros, 2 blocos carnavalescos, 2 escolas de samba, que mobilizam a comunidade não apenas nos meses de festa (fevereiro e junho), mas durante o ano todo [...] Apesar da dimensão espacial do bairro existe nele um lugar que é considerado por muitos moradores como “termômetro cultural. Este lugar é a Passagem Pedreirinha [...] que é famosa por abrigar várias manifestações culturais. (DIAS JUNIOR, 2009, p. 45)

É neste espaço multifacetado, que apresenta vários aspectos positivos e negativos, que se localiza a Passagem Pedreirinha – objeto de análise deste artigo. Ou seja, para que houvesse uma melhor compreensão do leitor sobre o lócus da pesquisa, se fez necessário apresentar aspectos gerais sobre o bairro do Guamá para assim adentrarmos no universo sociocultural.

2. PASSAGEM PEDREIRINHA – UM ESPAÇO DE MEMÓRIA VIVA E ASSIM DE PATRIMÔNIO CULTURAL

A origem do nome da Passagem Pedreirinha se deu porque naquele local era uma pedreira. O primeiro nome da Passagem foi Pico da Pedra, depois a nomearam de Pedreirinha. Dona Elsa (responsável pela Festividade de São Pedro e São Paulo), em entrevista⁵, diz que depois desse nome a renomearam, porém o nome não vingou.

A Passagem possui um espaço territorial micro de 400 metros de extensão. Atualmente, no seu pequeno território há a diversidade de cinco manifestações culturais e três manifestações religiosas: duas igrejas evangélicas (a Igreja Assembleia de Deus e a Igreja Assembleia do Avivamento Pentecostal – Brasa Viva); o Terreiro de Mina Dois Irmãos que é o mais antigo da cidade de Belém, fundado no ano de 1890; a Associação Carnavalesca Bole-Bole; a Festividade de São Pedro e São Paulo; o Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe; o Boi-Bumbá Malhadinho e o Grupo Folclórico Caldo de Turu. Vale ressaltar que nos deteremos a analisar, somente, as manifestações artísticas culturais, citadas acima, concebendo as intervenções culturais realizadas, pelo viés da arte popular, principalmente, como meio propiciador de resiliência⁶ (enfrentamento – superação – fortalecimento) dos sujeitos inseridos em cada manifestação.

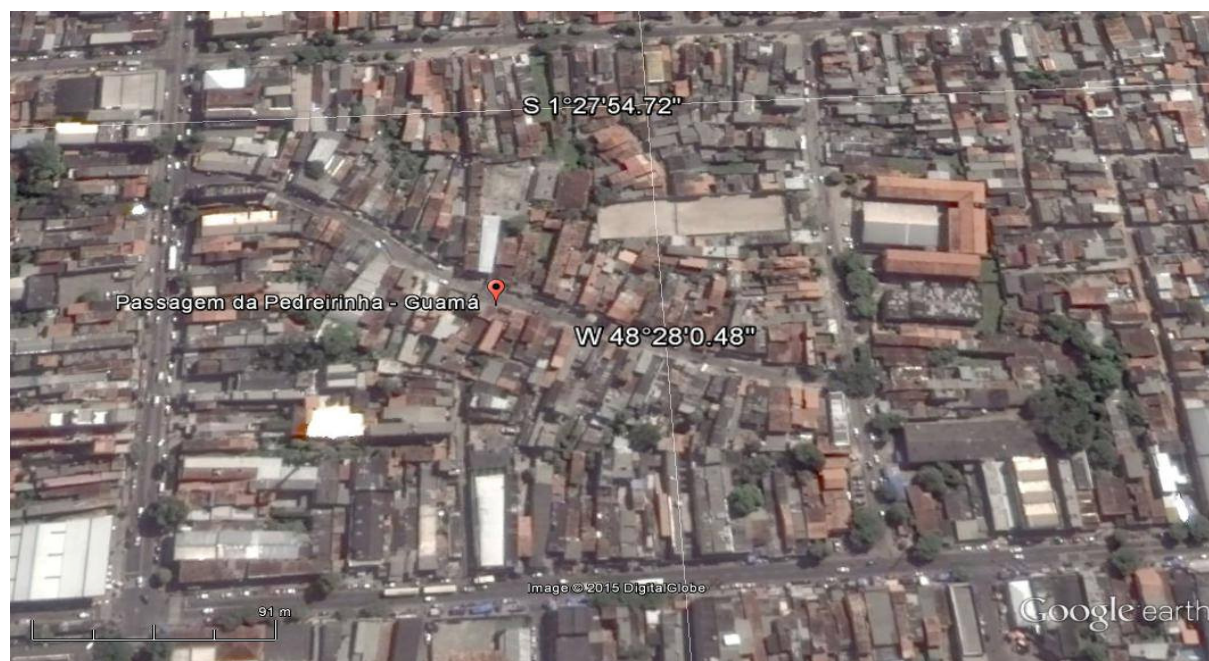
⁴ É importante referendar que estão colocados aqui apenas os grupos e entidades culturais registrados na FUNBEL, muitos outros se manifestam pelo bairro sem CNPJ ou registro na Fundação Cultural de Belém. (DIAS JUNIOR, 2009, p. 45).

⁵ MODESTO, 2013.

⁶ Para compreender o conceito de resiliência construído a partir do Serviço Social, Ribeiro (2007) faz uma analogia com o semáforo, onde o sinal vermelho representa o enfrentamento da adversidade que nos faz parar por um momento; o sinal amarelo representa a superação e, o sinal verde, o fortalecimento, indicando que estamos prontos para novos desafios. O sinal amarelo é muito rápido, mas não podemos ignorá-lo e passarmos para mais uma etapa de nossas vidas, levando adversidades não resolvidas, que dificultarão etapas seguintes. Em síntese, no Serviço Social considera-se o conceito consolidado de resiliência como a capacidade que o indivíduo tem de enfrentar adversidades vivenciadas no dia-a-dia, superá-las, com o intuito de se fortalecer. Porém, é importante ressaltar que a resiliência nas pessoas deve diferenciar-se da resiliência de materiais principalmente

A passagem Pedreirinha compreende uma série de atividades culturais [...] Trata-se de um lugar pacífico e democrático onde as pessoas sentam-se às suas portas para conversarem e trocarem informações em interação umas com as outras, diariamente, mas especialmente nos dias de eventos festivos, incluindo-se aí as relações de bem ou conflituosas. Mesmo com o enfrentamento de todos os tipos de problemas: perigos da violência urbana como em qualquer cidade; desigualdade social; falta de recursos para a promoção de atividades culturais; endividamentos para que isto seja possível, etc. (FERREIRA, 2011, p.01).

Figura 3: Localização da Passagem Pedreirinha no Bairro Guamá / PA



Fonte: Google Earth, 2015

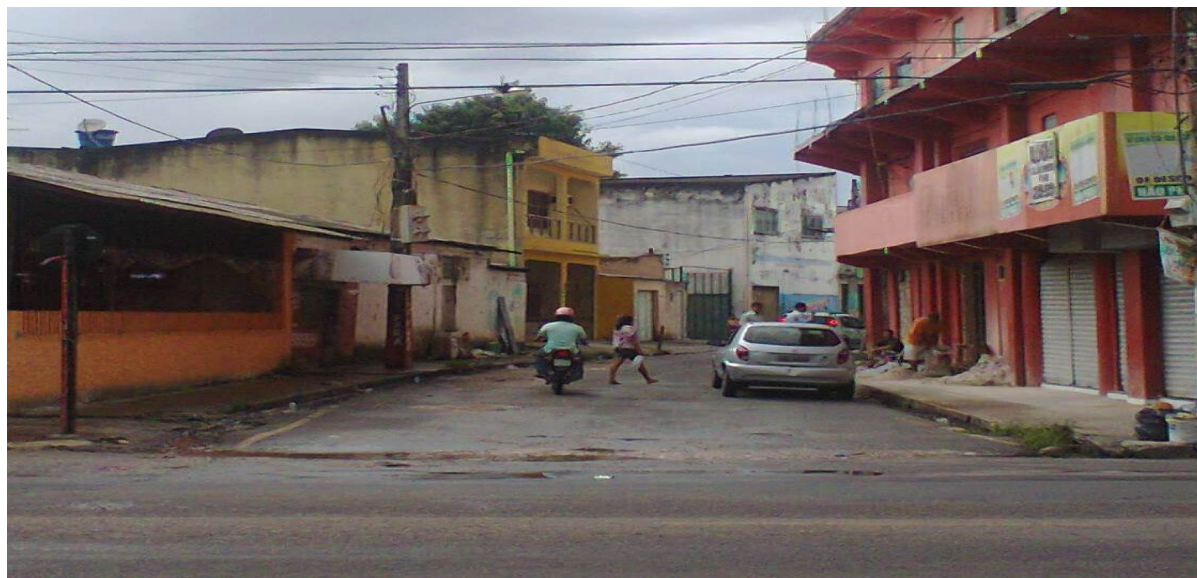
É denominada como a **rua cultural do Guamá**, sendo apontada por muitos como referência no bairro, pois seus moradores se mobilizam para realizar atividades culturais, recreativas e festividades, tendo a população guamaense oportunidade de participar e obter acesso a um espaço de sociabilidade, de alegria, de troca de experiências e de ludicidade que leva ao alcance da aprendizagem.

Concordo com (FERREIRA, 2011, p. 02), quando destaca haver “possibilidades de constatação de formas de sociabilidade inseridas nas manifestações e a ampliação das relações de interação” vivenciadas nas festividades, com os parentes, vizinhos, amigos que são convidados a participar dos eventos promovidos no local.

Obtive a oportunidade de vivenciar tal constatação a partir do ano de 2010 (através do Projeto Guamá e Terra-Firme: a morada de artistas, ao qual estava como bolsista de monitoria-extensão do

Programa Luamim⁷/UFPA). Principalmente nas organizações artísticas, presenciei dedicação, muito esforço e amor no que diz respeito às ações que realizam para a manutenção das manifestações culturais.

Figura 4: Fotografia da Passagem Pedreirinha no Bairro do Guamá / PA, esquina da Av. José Bonifácio.



Fonte: Modesto, 2013.

Desde quando eu cheguei à Pedreirinha, foi uma coisa que mudou totalmente a 'nossa vida' (minha e do meu marido Evaldo - falecido), porque em termos de cultura eu só tinha o carnaval e quando eu cheguei aqui começamos a nos envolver em muitas coisas, no boi, em quadrilhas, nas festas de São Pedro e São Paulo, no Bole – Bole, e com o Arraial do Pavulagem, passamos a ter um convívio maior com a cultura. Eu me envolvi muito e, se fosse pensar, talvez se eu não viesse morar aqui na Pedreirinha a minha vida hoje não estaria tão envolvida com cultura. (...) acho que vivemos felizes aqui nesta rua. Tem muita gente que diz que nunca viu lugar como a Pedreirinha que é muito divertida, que eles veem as pessoas conversando na porta, se envolvendo uns com os outros; se tiver alguma festa todo mundo se ajuda, pode até ter aquela briguinha, mas quando é pra ajudar todo mundo se envolve, é difícil eu sair daqui, porque pra achar lugar como a Pedreirinha, esta difícil. (Entrevistada Doralice Maciel, do Boi Malhadinho. MODESTO, 2013).

⁷ O Programa Luamim: peças interventivas na realidade foi criado em 1992 pelo jornalista, poeta e assistente social Paulo Martins, inspirado no poema “Luamim: um anjo urbano”, de sua autoria. Atende a demanda de construção de conhecimento ao Serviço Social no contexto das Ciências da Cultura de forma a subsidiar a prática do assistente social na dimensão da ciência com consciência, contribuindo para que grupos excluídos possam ver atendidos seus direitos constitucionais à cultura. Investiga saberes, modo de vida e formas de expressão artística em grupos que estão em situação de vulnerabilidade social; pesquisa qual o impacto que se remete a construção da cidadania em indivíduos participantes de oficinas, cursos e outras atividades relacionadas à arte e à comunicação; identifica novas peças interventivas empregadas na prática de assistentes sociais e outros trabalhadores sociais; pesquisa a arte como meio de expressão social e popular, de símbolos, valores, representações e formas de comunicação de conteúdos culturais, viabilizando a relação da ciência com o saber popular; identifica situações relacionadas à prática social que necessitem de investigações para subsidiar a instrumentalização de trabalhadores sociais. (EVELIN, 2011).

Sendo assim, este ambiente sociocultural “aponta a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos”. (ASSMAN, 2011, 317).

Podemos observar na narrativa do artista popular Kleber Oliveira⁸, a possibilidade de ser a Pedreirinha um local de recordação, de evocação de memórias, de transmissão de saberes; de sociabilidade/reciprocidade, onde presenciamos a participação e/ou envolvimento dos artistas/brincantes em mais de uma manifestação cultural:

O Boi Malhadinho acontece na minha vida em um momento muito especial, porque é a descoberta da cultura, a descoberta de uma boa música, foi um florescer de algo muito bonito que eu vivo até hoje. Eu digo, a Escola de Samba Bole-Bole foi profissão pra mim, foi pai, já o Malhadinho foi mãe, porque o Nazo, a Lima, o Ronald7o Silva, o Lúcio, tantas e tantas pessoas que passaram no Malhadinho... Perdiam seu tempo à noite nos chamando para escutar toada, nos ensinar a cantar, a tocar, ensinar a pesquisar o boi, nos mandavam fazer glossário, pesquisar no dicionário, ir para o Centur – Fundação Cultural do Estado do Pará, para conhecer tudo sobre o boi.

Em 1984, adentrei no Bole-Bole moleque com oito anos de idade. Nós estávamos empolgados com a bateria, com aquilo tudo, queríamos nos envolver dentro do barracão⁹. Então o Vetinho chamava a molecada toda e nos pagava um guaraná para juntarmos tampa de cerveja. Nós batíamos nas casas pedindo bola de natal e festão e aquilo nós amassávamos para fazer as purpurinas, porque não tinha dinheiro; o festão nós cortávamos miudinhos para jogar brilho no carro; e as fichas nós amassávamos para fazer os instrumentos, e tudo por refrigerante. Nos outros anos eu já comecei ir pra dentro do barracão, com o tio Wilson, o Sabá, o Vetinho, com os grandes carnavalescos, eu já passava o dia riscando no papelão, ia pra aula, voltava e ia riscar papelão pra eles recortarem, tomando refrigerante, sempre. Já no terceiro ano, eu fiquei mais dentro do barracão, comecei a colar, e daí por diante comecei a coordenar o barracão, porque já vinha há muito tempo participando das atividades e conhecia todo mundo.

Podemos observar que os sujeitos artistas expressam que suas memórias/lembranças, estão interconectadas com suas vivências, saberes e crenças, advindos do seu cotidiano na comunidade. E Candau (2014, p. 22) afirma que esse *habitus* (construído), depende em grande parte, da protomemória (memórias de lembranças), no qual alega que Pierre Bourdieu descreveu de maneira coerente “essa experiência muda do mundo como indo além daquele que procura o sentido prático”, as aprendizagens primárias, no ponto de vista corporal, são como lembrentes, ligações verbo-ação que fazem funcionar o corpo e linguagem como “depósitos de pensamentos diferenciados” [...] inclusos de maneira permanente, “maneira durável de se portar, falar, caminhar, e, para além disso sentir e pensar; saber herdado que jamais se separa do corpo que o carrega”.

⁸ MODESTO, 2013.

⁹ É o local nomeado pela escola de samba do Bole-Bole, onde realizam a produção das fantasias, adereços, como também, os ensaios da bateria e dos sambistas.



Figura 5: Fotografia do tradicional casamento na roça – Festa de São Pedro e São Paulo.

Fonte: Modesto, 2013.

Partindo da prerrogativa de ser a cultura, um direito social, garantido constitucionalmente desde 1988, e os bens que integram o meio ambiente cultural¹⁰ serem protegidos pelo art. 225 da Constituição Federal, no qual : “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Evidenciamos que as manifestações artísticas populares da Passagem Pedreirinha expressam a não garantia e acesso às políticas de cultura, o que culmina na realização de grande esforço da comunidade para dar continuidade às manifestações, tal realidade nos mostra que os órgãos municipais e estaduais que trabalham na área da cultura não estão cumprindo com as prerrogativas constitucionais. E atualmente presenciamos que a maioria das políticas públicas direcionadas a cultura, são garantidas pela esfera pública federal, denominadas de políticas culturais – “particularmente aquelas referentes à proteção patrimonial, o que têm oscilado entre concepções e diretrizes nem sempre transparentes”. (FUNARI; PELEGRINE, 2006, p.43).

Esta pesquisa de dissertação, ainda está em fase inicial. A produção desse artigo apresentou dados coletados e já analisados tendo como objetivo principal registrar as histórias das manifestações artísticas e religiosas da Passagem Pedreirinha, como também, conceber suas ações culturais como fator de enfrentamento da violência no bairro, através do viés da arte popular, como também das religiões cristãs e de matrizes africanas. Tais resultados geraram novas inquietações e indagações que me levaram a realizar uma pesquisa mais aprofundada cujo tema central é conhecer os processos de patrimonialização e apontar as demandas da cultura popular da Passagem Pedreirinha, que apresentam

¹⁰ O meio ambiente cultural é o patrimônio histórico, artístico, paisagístico, ecológico, científico e turístico e constitui-se tanto de bens de natureza material, a exemplo dos lugares, objetos e documentos de importância para a cultura, quanto imaterial, a exemplo dos idiomas, das danças, dos cultos religiosos e dos costumes de uma maneira geral. Embora comumente possa ser enquadrada como artificial, a classificação como meio ambiente cultural ocorre devido ao valor especial que adquiriu. (FARIAS, 2006.)

perfil para serem salvaguardadas pelo Estado. Destaco a afirmação de Lima Filho (2010), que ao se referir ao povo Karajá, afirma não precisam da legitimidade do Estado para considerar o seu saber inerente à confecção das bonecas de cerâmica, e assim se constituir como patrimônio nacional. Elas simplesmente são! Podemos adequar este exemplo, as manifestações culturais existentes na Pedreirinha, elas são patrimônio cultural imaterial presente no ambiente espacial do Bairro Guamá, e suas ações culturais configuram-se muitas das vezes como geradoras de autopromoção do indivíduo, aqui representada no caráter de artisticidade das expressões culturais percebidas nessa comunidade. Porém, tais manifestações culturais podem utilizar a possibilidade que o Decreto nº 3.551/2000 oferece, assim como, a parceria qualificada e legítima do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional - IPHAN para representar uma ação política e cultural do grupo com seus interlocutores históricos e contemporâneos, que viabilize reconhecimento do Poder Público a esses sujeitos artistas, e assim o acesso – principalmente ao fomento para a manutenção de suas ações culturais, compreendendo-as como sendo de extrema relevância social e cultural para aquela comunidade.

Podemos observar representação valorativa dessas ações na narrativa de Doralice Maciel – artesã e uma das coordenadoras do Boi Malhadinho¹¹:

O Malhadinho tem uma importância muito grande para o bairro do Guamá, porque os que já saíram do Malhadinho 1ª e 2ª geração, hoje em dia são músicos, mestres de bateria, então eu acho muito importante porque os ajudou no seu desenvolvimento e entendimento, se talvez não estivessem no Malhadinho poderiam estar seguindo caminhos errados.

Quando saímos com as crianças, ficamos felizes das pessoas elogiarem, porque é um trabalho difícil de colocar boi bumbá com crianças, pois exige muita dedicação e responsabilidade. Colocamos as crianças para ensaiar, para bordar. Eles ficam felizes ao se apresentarem, temos uma mãe que disse nunca ter ido à Praça da República, no Teatro da Paz e acha muito bacana o trabalho do Malhadinho. Temos quase dez crianças que vem do Canal do Tucunduba para a Passagem Pedreirinha, um esforço que realizam para participar e antes de Maio vieram aqui em casa para perguntar se o Malhadinho iria sair, na quadra junina.

Figura 6: Fotografia da apresentação cultural do Boi Malhadinho – realizada no Centro Cultural Tancredo Neves, em junho de 2013.



Fonte: Juliana Modesto

¹¹ MODESTO, 2013.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a realidade sociocultural da Passagem Pedreirinha colocou em evidência que conformismo e lamentação não fazem parte do dicionário dos sujeitos artistas partícipes das atividades culturais. Pode-se afirmar que as ações realizadas por eles são fruto de um comportamento de consciência cidadã pelo viés da arte. Nas narrativas das lideranças depreende-se resistência e insubmissão, uma vez que, presenciando não acessibilidade das políticas públicas em seu bairro, articulam-se e criam seus próprios instrumentos de proteção e cuidado, principalmente com as crianças.

A importância da performance do sujeito artista para o *ethos* da comunidade, deve ser entendida como um veículo à instrumentalização desses sujeitos através de qualificações, palestras, aperfeiçoamentos que os qualifiquem a usufruírem dos recursos destinados à Política da Cultura.

Para (EVELIN, 2013, p.197) “a cultura está em pauta como um dos grandes desafios da humanidade”. Porém, “muitos homens e mulheres não acreditam no advento de uma sociedade onde os bens econômicos e culturais sejam equitativamente distribuídos”. Alerta, que “uma das características das ciências hoje é a de ‘não compreender’ que cresce o número de indivíduos que, sem o advento de teorias, sabem que lhes cabe cumprir seu destino histórico e cultural ante a sociedade”. Ou seja, as manifestações culturais da Passagem Pedreirinha, “**querem e precisam ser ouvidas**”, pois possuem direitos constitucionais¹², que assegura seu pleno exercício de cidadania. (EVELIN, 2013, p. 58-59).

4 REFERÊNCIAS

ALENCAR; LEÃO; VERÍSSIMO. **Belém Sustentável**. Imazon, 2007.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. São Paulo, Editora da Unicamp, 2011, p. 317-366

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: (emendas constitucionais ns. 1 a 48 devidamente incorporadas)** - 3ª ed. ver. e ampl. Barrueri, SP: Manole, 2006.

BRASIL. Censo Demográfico do IBGE, 2010.

BRASIL. AÇÃO GRIÔ NACIONAL, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. – 1ª ed. 2ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2014.

CORRÊA, R. L. “A periodização da rede urbana amazônica”. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

¹² A proteção dos bens intangíveis está prevista na Constituição de 1988, que considera “o patrimônio cultural brasileiros bens de natureza material e imaterial”. (SOUZA FILHO, 1997, p.32 apud Santos, 1982).

DIAS JUNIOR, J.E.S. **Cultura Popular no Guamá: um estudo sobre o boi-bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém**. Ano: 2009. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – UFPA, Belém, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4569> . Data do acesso: 10/03/15.

EVELIN, Heliana ; SENA, Aline; MARQUES, Geovane; PANTOJA, Gleidson; MODESTO, Juliana. **Capacitação de Grupos Artísticos para a Construção de Comunidades Resilientes**. Artigo apresentado no 4th Regional Mediterranean Congress of IAGP in Porto. Portugal, 2011, p. 10-11.

EVELIN, Heliana Baia. **Serviço Social no Contexto das Ciências da Cultura**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2013.

FARIAS, Talden Queiroz. **O conceito jurídico de meio ambiente**. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, IX, n. 35, dez 2006. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1546>. Acesso em maio 29 de maio de 2015.)

FERREIRA, Clélio Palheta. **Sociabilidade e Reciprocidade em Ações Lúdico-Religiosas no Bairro do Guamá em Belém do Pará**. Trabalho apresentado ao XI Congresso Luso-Afro- Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, p. 01-02, 2011.

LIMA FILHO, Manuel F. 2010. *Da Matéria ao Sujeito: inquietação patrimonial brasileira*. **Revista de Antropologia**, São Paulo, 52 (9): 605-632. [http://nauui.ufsc.br/files/2010/09/FILHO_M.F.L._522.pdf]

MODESTO, Juliana Cordeiro. **Cultura Popular no Guamá: memória e representação do patrimônio cultural da Rua Pedreirinha em Belém do Pará**. (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado a Faculdade de Serviço Social – UFPA, Belém, 2013.

_____. PELEGRINE, Sandra; FUNARI, Pedro. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RIBEIRO, Jorgeane. **Serviço Social e Resiliência na Ótica dos Direitos Humanos**. In: EVELIN, Heliana; et al (Orgs). **Serviço Social e Resiliência na Ótica dos Direitos Humanos**. Belém: EDUFPA, 2007.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **Bens Culturais e Proteção Jurídica**. 1ª ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1997.